

PERCEPÇÕES

2ª Edição - 2012

Revisada conforme o novo Acordo Ortográfico



PABLO DE SALAMANCA
2011

SOBRE O AUTOR

Pablo de Salamanca nasceu no Rio de Janeiro em 1968. Possui formação de nível superior em engenharia, graduando-se em 1991. Realizou mestrado a partir de 1992, defendendo sua tese em 1994. Ainda na sua área original de atuação profissional, iniciou doutoramento em 1995, finalizando sua tese no ano de 2000. Começou seu desenvolvimento mediúnico em 1993, psicografando a partir de 1994. A presente obra, “Percepções”, com um caráter mesclado anímico-mediúnico em proporções equilibradas, foi a nona lançada por Pablo. Atualmente, no início de 2012, dez livros já foram concretizados pelas suas mãos: *Sabedoria em versos* (2001), *Depoimentos do Além* (2005), *Vidas em versos* (2005), *O Trabalhador do Umbral* (2007), *Experiências extrafísicas* (2008), *Fundamentos de Psicoterapia Reencarnacionista e um estudo de caso* (2009), *Reflexões* (2009), *Experiências extrafísicas II* (2010), *Percepções* (2011) e *Sonetos para refletir* (2011).

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, aos bons mentores espirituais pelo amparo e proteção. Pai e mãe, muito obrigado pelo amor e sacrifício desinteressados. Sou profundamente grato, também, aos muitos amigos materiais que de forma indireta contribuíram para a execução desta obra. Estes são tantos, que prefiro não citá-los, para evitar cometer uma injustiça com alguém. Agradeço especialmente a Terezinha S. do Carmo, pois colaborou diretamente para o término deste livro.

CAPA

A capa é fotografia de **Leland Davis**, sem denominação, retirada do *site* <http://www.freerangestock.com> (acesso em 22/06/2009), e, conforme o mesmo, de uso inteiramente livre para usuários registrados no referido *site*.

DIREITOS AUTORAIS

Atenção!

Esta obra possui direitos autorais devidamente registrados, e não será comercializada de forma alguma. Embora o livro seja oferecido gratuitamente, através de *download*, pelo *site* www.harmonianet.org, ele só poderá ser reproduzido com a autorização do autor, após contato através do e-mail contato@harmonianet.org, quando será permitido citá-lo em parte ou no todo, desde que denominando o autor e a *home page* responsável pela sua manutenção na internet.

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	1
1- ANIMISMO E MEDIUNIDADE	3
1.1- A influência do consciente do médium	5
1.2- A influência do inconsciente do médium	5
1.3- A sintonia entre médium e entidade	6
2- A OBRA MEDIÚNICO-LITERÁRIA	7
2.1- Como ler uma obra mediúnica	7
2.2- O valor de uma obra mediúnica	8
2.3- A evolução da obra mediúnica de um médium	8
3- PERCEPÇÕES	10
1- Escrever	11
2- A porta	12
3- Planta de estufa	13
4- Recorrências	14
5- Rigidez	15
6- O caminho do meio	16
7- Corredores estreitos	17
8- A tabuada da vida	18
9- Passos leves	19
10- Ver com outros olhos	20
11- Gratidão	21
12- Coração em ação	22
13- No alto da montanha	23
14- Maturidade	24
15- Catarse	25
16- Vontade de entender	26
17- O valor do sacrifício	27
18- O primeiro passo	28
19- Essência	29

20- Caminhantes	30
21- A gangorra da vida	31
22- Afinando a alma	32
23- Viver é poesia	33
24- Sejamos a ponte	34
25- Pôr do sol	35
26- Alargando os horizontes	36
27- Metais expostos	37
28- Rodas da vida	38
29- Corpo e alma	39
30- Permanência	40
31- Parto	41
32- Sono	42
33- Ver, escolher e agir	43
34- Vida autossustentável	44
35- A chama interna	45
36- Medo de errar	46
37- Saber morrer	47
38- Ouvir e ver além	48
39- Os eus e Deus	49
40- Brisa da noite	50
41- Vento	51
42- Artimanhas	52
43- Beleza	53
44- Ciclo virtuoso	54
4- FINAL	55

INTRODUÇÃO

Nesta breve introdução, desejo comentar o porquê escrevi esta obra “Percepções”. Na realidade, este livro resulta de um “experimento pessoal”. De início, apenas deixei fluir livremente, no papel, alguns estados de ânimo e inspirações súbitas que ocorriam no dia a dia. Eu não tencionava, realmente, fazer um novo livro. Os conteúdos que surgiam eram de teor variado, uns expressando de forma clara o que eu tinha na alma (animismo), enquanto outros, pela maneira como aconteceram e também pelo conteúdo, não deixavam dúvidas de que foram transmitidos por entidades (amigos espirituais), com as quais já tenho contato há tempos (muito embora não tenham demonstrado interesse em assinar as mensagens).

Após semanas, os escritos estavam se avolumando e, depois de cuidadosa releitura, notei que poderiam ser úteis a quem viesse a lê-los. No entanto, não me preocupei com isso, fixando-me na intenção de simplesmente “deixar fluir” a escrita, sempre que surgisse um forte impulso. Porém, em determinado dia recebi a visita de uma antiga amiga, que se interessou em conhecer os conteúdos do que eu andava escrevendo. Para a minha surpresa, ela constatou que algumas mensagens tinham profunda conexão com problemas que ela vinha passando, e as datas em que eu grafara, correspondiam aos períodos de seu sofrimento, sem que eu soubesse. Para ela, ali haviam respostas e esclarecimentos de grande valor, que surgiram pelas minhas mãos, de uma forma sincrônica aos fatos que se sucederam na vida dela. Então, percebi que nem todas as mensagens que eu havia materializado, eram somente de fundo anímico ou de restrita base mediúnica (conexão médium/mentor). Eu também vinha fazendo uma espécie de “captação psíquica” involuntária, pelo menos com relação a esta amiga, com quem tenho fortes vínculos. Sem dúvida que isso reforçou, em minha mente, que aquilo que eu vinha escrevendo, tinha um valor especial. No entanto, mais à frente, notei claramente que em algumas oportunidades em que sentia o impulso em escrever, o fazia movido pela presença de entidades em desequilíbrio. Nestes momentos, eu tentava não só dar vazão aos sentimentos desses seres em sofrimento, promovendo uma espécie de catarse, mas também induzi-los a um novo direcionamento de suas energias. Percebi, certas vezes, que tinha algum sucesso no meu intento, aliviando aos espíritos em desarmonia, não só pela catarse proporcionada, mas também por ter apontado/transmitido a eles uma maneira melhor de sentir, pensar e agir. Portanto, depois de um tempo, acumulei em minhas mãos uma série de mensagens de cunho variado. Após meditar por um período, concluí que elas poderiam ser úteis às pessoas, de uma forma geral, o que me levou a agrupá-las nesse livro.

Genericamente, não será difícil ao leitor constatar a diversidade de mensagens que se encontram neste *e-book*.

Antes de apresentar os textos em si, entendi ser importante tecer comentários sobre animismo e mediunidade, de forma a situar melhor aos leitores menos experientes (capítulos 1 e 2). No capítulo 3 ("Percepções"), apresento as mensagens sobre as quais falei aqui nesta introdução, em ordem cronológica.

1- ANIMISMO E MEDIUNIDADE

Inicialmente, gostaria de comentar o próprio título deste capítulo “Animismo e Mediunidade”. Pus, propositadamente, o termo “animismo” em primeiro lugar, porque sem o fator anímico não há mediunidade. Mas, para esclarecer melhor, é importante conceituar ambos termos. Quanto ao animismo, utilizando-me de uma definição clássica, é a “teoria filosófica que considera a alma como causa primária de todos os fatos intelectuais e vitais”⁽¹⁾, ou seja, é a alma do próprio indivíduo que origina os fenômenos que se materializam. “Alma” é um termo que deriva do latim *anīma*, que, por sua vez, refere-se ao princípio que dá movimento ao que é vivo, o que é animado ou o que faz mover (<http://pt.wikipedia.org/wiki/Alma>). Sobre mediunidade, no Livro dos Médiuns⁽²⁾ consta que a palavra “médium” vem do Latim (*medium*), significando “meio” ou “intermediário”, ou seja, médium é pessoa que pode servir de intermediária entre os dois planos da vida, isto é, entre os espíritos e os homens. Conforme G. M. Ney⁽³⁾, mediunidade é a faculdade dos médiuns ou sensitivos de serem “meio” aos fenômenos paranormais. De acordo com L. Palhano Júnior⁽⁴⁾, mediunidade é a faculdade que têm as pessoas (médiuns), em maior ou menor grau, de receber comunicações ou perceber os espíritos ou o Mundo Espiritual.

Portanto, em linhas gerais, animismo é o conjunto de manifestações que vêm da alma do indivíduo. Em outras palavras, são os fenômenos provocados pelo próprio psiquismo da pessoa, sem a participação de qualquer outra entidade ou consciência externa. Assim, por exemplo, alguém que esteja emocionalmente alterado por forte estresse, pode, de repente, ter uma reação muito agressiva, devido a um afloramento de uma característica de sua personalidade. Ou seja, isto constituiu-se, pelo menos em tese, numa exclusiva ação anímica. Um outro exemplo de animismo, é o caso de alguém que escreve algo sem a participação de nenhum desencarnado ou qualquer consciência externa, usando somente os atributos de sua psique (“psiquê” é palavra grega que significa alma - <http://pt.wikipedia.org/wiki/Psiqu%C3%AA>). Assim, o que este indivíduo grafou, provêm de sua própria alma e, por isso, é um processo puramente anímico, ao menos em teoria.

Quanto à mediunidade, um exemplo típico de atividade mediúnica é a psicografia, que ocorre quando o médium é utilizado por outra consciência, que expressa suas ideias pelas mãos do sensitivo, através da escrita. Citando também o exemplo da psicofonia, chamada por alguns de “incorporação”, nela a entidade comunicante utiliza o encarnado como intermediário, para expressar seus pensamentos através da fala.

Bom, voltando ao que eu dizia no primeiro parágrafo, o termo “animismo” vem à frente do termo “mediunidade” no título do presente capítulo, porque, na realidade, qualquer mecanismo mediúnico só ocorre através do aparato biopsíquico do médium. E neste aparato inclui-se certamente a psique do médium, ou seja, uma consciência comunicante externa só se manifesta através do sensitivo, ao sintonizar-se com a alma deste, isto é, por meio das potencialidades anímicas do médium. Portanto, não há mediunidade sem algum grau de animismo, mesmo nos chamados médiuns inconscientes (aqueles que perdem a lucidez durante o processo mediúnico).

Por outro lado, questiono também se há um “animismo puro”. Alguém que escreve algo, mesmo obras científicas, materializa os conhecimentos apenas através de sua mente? Quem garante que uma parte do que o cientista escreveu não teve, ao menos, uma influência de algum ser incorpóreo, pela via intuitiva? Quantos escritores, alguns cientistas e outros não, revelam que suas ideias surgiram através de inspirações súbitas, sonhos, ou fatores/acontecimentos aparentemente ao acaso? Para quem já tem um mínimo de sensibilidade desenvolvida, não é difícil concluir que há uma inter-relação bastante intensa, entre o Mundo Material e o chamado “Mundo Espiritual”. A comunicação entre diferentes dimensões é constante, embora muitas vezes sutil. Portanto afirmo que, assim como não há mediunidade sem animismo, praticamente não há animismo sem mediunidade.

Desta forma, passo a discorrer sobre como se mesclam o animismo e a mediunidade, detalhando alguns aspectos da inter-relação entre ambos. Não tenciono, aqui, fazer um estudo muito aprofundado, mas apenas trazer alguns esclarecimentos a quem não pôde investigar a questão, um pouco mais detidamente.

Citações realizadas:

- (1) Dicionário Escolar Silveira Bueno. Ediouro. São Paulo, 2001.
- (2) O Livro dos Médiuns. Allan Kardec. Federação Espírita Brasileira. Rio de Janeiro, 1996.
- (3) Parapsicologia: termos e mestres. Gerardo M. Ney. Livraria Freitas Bastos. Rio de Janeiro, 1991.
- (4) Mirabelli: um médium extraordinário. Lamartine Palhano Júnior. Edições CELD. Rio de Janeiro, 1994.

1.1- A influência do consciente do médium

Tudo o que o médium (ou sensitivo) leu, estudou, vivenciou dentro da sua estrutura familiar e, além disso, o ambiente cultural onde se desenvolveu como ser humano, influencia na sua atividade mediúnica. Ou seja, tudo o que está na sua mente consciente permeará a sua produção mediúnica. Não há como separar o que o médium é, do que ele produz, por mais profunda que seja a sua habilidade parapsíquica. É claro que, quanto maior a profundidade de um transe mediúnico, menor será a influência do consciente do sensitivo, por exemplo, no que é transmitido pela fala (psicofonia) ou no que ele expressa por meio da escrita (psicografia).

Passemos, agora, a exemplificações sobre como o consciente do médium interage com sua produção mediúnica. No caso de alguém que psicografa, se este for uma pessoa culta, haverá uma tendência a que os escritos que faça, sejam com uma linguagem também culta, ou, pelo menos, que seja algo claro e conciso, mesmo que a entidade comunicante não tenha boa “escolaridade” prévia. Numa outra situação, onde o médium tenha crescido num ambiente de forte cultura cristã, obviamente que as mensagens que surgirem através dele, tenderão a expressar conteúdos cristãos, até mesmo nas oportunidades em que estiver sob influência de consciência espiritual não ligada ao Cristianismo. Por outro lado, se o sensitivo tem afeição por alguma religião oriental, e tenha lido e/ou estudado sobre o tema por muitos anos, mesmo que venha a canalizar uma mensagem de entidade espiritual cristã, poderá dar um cunho ou “formatação” mais ou menos “oriental” à mensagem. Volto a lembrar, contudo, que a intensidade como o consciente do médium interfere na comunicação mediúnica, dependerá da profundidade de sua habilidade sensitiva. Porém, como compreende-se que sempre há alguma participação da psique do médium (animismo) no fenômeno, é claro que alguma influência dele, sobre a obra, ocorrerá.

1.2- A influência do inconsciente do médium

Outra fonte de influência pelo psiquismo do médium (animismo), em alguma tarefa mediúnica, é através do chamado “inconsciente” do indivíduo. Na mente inconsciente está tudo o que foi reprimido ou esquecido pela pessoa, com relação a fatos, sentimentos e pensamentos que teve na sua vida atual. Também estão em nível inconsciente as memórias de vidas passadas, as lembranças do denominado “período intermissivo” (intervalo de tempo vivido fora da matéria, entre encarnações diferentes), e tudo aquilo que o indivíduo experimentou fora do corpo, durante as

viagens astrais, também conhecidas como “experiências extrafísicas”. Assim, o que está no inconsciente de um sensitivo, poderá, sem dúvida, mesclar-se aos conteúdos mediúnicos transmitidos. Um bom exemplo desta situação, é o que ocorre com um médium que recebe entidades em desequilíbrio. Este médium, supondo que numa vida anterior tenha morrido sufocado, ao dar passividade a diversos tipos de entidades perturbadas, pode, inúmeras vezes, ter a sensação de sufocamento ao “incorporar” seres sofredores, pois de seu inconsciente afloram as percepções desagradáveis por este tipo de morte. Ou seja, mesmo que os espíritos carentes de ajuda, que o médium recebe, não guardem sensação de sufocamento, o sensitivo apresenta este “sintoma” animicamente. Neste caso, seria importante o médium tratar esta questão traumática de seu passado, em benefício próprio, e também para evitar reproduzir um animismo totalmente desnecessário, na situação mediúnica colocada. Não vou me estender aqui, em exemplos de como o inconsciente do médium pode alterar uma mensagem mediúnica, pois as possibilidades são muitas, e não fazem parte do escopo desta obra. No entanto, é relevante assinalar que o animismo pode ser útil no processo mediúnico, se o que provêm do inconsciente do sensitivo é algo construtivo. Neste caso, as forças anímicas do indivíduo se juntarão aos conteúdos emitidos pela entidade comunicante, de forma a se atingir um objetivo positivo.

1.3- A sintonia entre médium e entidade

Para haver um trabalho mediúnico de qualidade, é fundamental uma boa sintonia vibratória entre o sensitivo e a entidade comunicante. É claro que, ao longo da vida do médium, este passa por flutuações no seu estado emocional, o que interfere numa boa sintonia com os guias espirituais. Ou seja, os fatores anímicos afetam a conexão com entidades que desejam comunicar-se. Assim, a falta de uma certa constância do sensitivo, pode alterar um tanto o conteúdo das mensagens passadas por uma mesma entidade, ao longo do tempo. Nos períodos de conexão mais frágil com o mentor, o ideal é não trabalhar mediunicamente, buscando, antes, o reequilíbrio. Porém, este problema pode ser minimizado, caso o médium tenha conteúdos anímicos de qualidade, o que poderá permear o seu trabalho mediúnico, de uma forma construtiva.

Por outro lado, é comum o sensitivo ter ligações espirituais com mais de uma entidade, que possuem tarefas de transmissão mediúnica. Assim, as flutuações de estado psíquico-emocional do médium, de certa forma poderão ser úteis, já que este, apresentando períodos com padrões variados, propiciará oportunidade à comunicação de entidades com vibrações diferenciadas

(conforme a maior afinidade do momento). Neste contexto, é importante ressaltar que cada instrutor espiritual tem a sua função e utilidade, na diversidade da vida.

É relevante salientar, também, que o desenvolvimento mediúnico de alguém, passa pela questão do seu crescimento como ser humano, em busca de um equilíbrio maior. Isto ocorre concomitantemente ao aumento de afinidade pelas entidades, com quem possui tarefas mediúnicas pré-programadas. Portanto, o desenvolvimento mediúnico deve ocorrer junto com a evolução anímica, sendo ambas questões, promotoras de uma boa sintonia com os espíritos comunicantes. Assim, um médium que estude bastante, que não tenha preconceitos e que busque constante autoconhecimento, provavelmente não será somente um “instrumento” útil para as entidades, mas também um bom cooperador nos trabalhos mediúnicos.

2- A OBRA MEDIÚNICO-LITERÁRIA

Aqui, chegamos num ponto de questionamento sobre como avaliar a obra mediúnica de um sensitivo. Em face das diversas variáveis que interferem nas habilidades anímico-mediúnicas de alguém, como compreender uma determinada obra mediúnica? A seguir, tentamos responder a esta questão, que não raras vezes é levantada por leitores mais críticos. Estes têm razão em manter um olhar aguçado sobre a literatura mediúnica, pois tendo atingido um grau de maturidade maior, ou por serem naturalmente mais “desconfiados”, exigem mais elementos que facilitem uma maior clareza sobre esta atividade humana, que não está livre de equívocos e embustes.

2.1- Como ler uma obra mediúnica

Basicamente, pode-se afirmar que a leitura de um livro, seja mediúnico ou não, sempre deve ser feita sob o crivo da razão. Não haveria lógica em se aceitar o que está escrito, simplesmente porque foi publicado. Portanto um processo de “filtragem” é fundamental, para que o leitor assimile criticamente o que pode lhe ser útil de alguma forma. É claro que o “filtro” que o leitor utilizará é algo totalmente pessoal, e o que considerará bom para si, para outro será uma nulidade. Usei o termo “filtragem”, porque fornece uma imagem bem apropriada para esta questão. Considero que, por mais que não reconheçamos a importância de uma obra específica, ao fazermos uma avaliação criteriosa, aproveita-se alguma coisa. Ou seja, não será fácil acessar o conteúdo de

um livro e concluir simplesmente que ele seja desprezível, eliminando-o por inteiro. Assim, se fizermos uma “filtragem” conscienciosa, sempre obteremos algo de valor.

2.2- O valor de uma obra mediúnica

Algo primordial na avaliação de um livro mediúnico, é compreender que ele vale muito mais pelo seu conteúdo, do que por quem o assina. Há trabalhos mediúnicos em que o autor espiritual prefere o anonimato, mas o conteúdo fala por si, demonstrando evidentemente o seu valor. Por outro lado, sob a ótica de um Espiritualismo Universalista, que preferimos, algumas características de uma boa obra mediúnica são: um conteúdo que estimule as pessoas a expandirem horizontes e consciências; ideias que reduzam preconceitos; pensamentos que explicitem o lado contraprodutivo das ortodoxias; e argumentos que levem a novos aprendizados, evitando-se apegos e induzindo à harmonia. Nesse contexto, compreendemos que um trabalho mediúnico poderá ter um valor respeitável, tanto com uma dose pequena ou grande de animismo. Para que isso ocorra, basta que o animismo seja de boa qualidade, e, obviamente, que a entidade espiritual comunicante seja uma consciência harmônica.

2.3- A evolução da obra mediúnica de um médium

Caso observemos detidamente a evolução da obra mediúnica de um médium, notaremos que ao longo do tempo os conteúdos dos livros, mesmo que assinados por um mesmo autor espiritual, podem apresentar modificações de estilo e conteúdo, em maior ou menor grau. Em parte pode-se creditar a isso, flutuações de interferência anímica do sensitivo, no período de sua produção mediúnica. Outro fator relevante, inerente ao médium, é o enriquecimento por que passa após realizar estudos de diversos tipos. Isto pode influenciar a sua obra positivamente, conforme adquira novos conhecimentos, que o auxiliam num processo de expansão da consciência. No entanto, embora menos sujeito a alteração de estado vibratório, o autor espiritual, por si mesmo, pode ter sido o causador de alguma mudança de estilo e conteúdo das obras, talvez atendendo a necessidades/objetivos que escapam a nossa compreensão imediata (por exemplo, pode ter a intenção de atingir a um público diferenciado no Plano Terreno). É claro que, ao longo do tempo, evoluem tanto o médium como a própria entidade comunicante, o que se reflete na qualidade dos livros produzidos. Inclusive, é importante ressaltar que, de acordo com a passagem do tempo, há

uma tendência a melhorar a conexão/sintonia entre o sensitivo e o seu companheiro sutil de trabalho.

Portanto, se olharmos para a produção mediúnica de alguém, principalmente se há mais de um autor espiritual envolvido, perceberemos com facilidade obras de conteúdo variado. E por quê isso ocorre? Basicamente, porque o público leitor também é bastante diverso. Muitas são as necessidades de esclarecimento e há inúmeros tipos de “fome espiritual”.

3- PERCEPÇÕES

1- Escrever

Escrever é pura magia, pois transporta-se parte da alma para o papel. E o papel voa, com a força que lhe foi dada, buscando outras almas para fusão momentânea. Escrever é uma transfusão de alma. O papel é o veículo. Outra alma é o fim. Uma finalidade, portanto, é a troca de energias. Conclui-se, sem maiores delongas, que escrever é um ato sagrado.

No entanto, refiro-me ao escrever com alma, transmitindo-se, com sinceridade, o que se é. Assim, mesmo que não se seja muito puro, purifica-se durante a escrita, pois um processo catártico está em ação. Para isso, basta ser sincero. E então, é fácil entender que escrever é magia de transfusão e de purificação.

06 de março de 2009.

2- A porta

Eu bato na porta. Bato com vagar, a princípio. Mas, o ritmo logo aumenta. Agora, bato com vigor intenso. Paro. Aguardo em silêncio, procurando ouvir qualquer coisa que denuncie a abertura da porta. O silêncio perdura. Minha alma parece estar fechada. Eu bati na porta da minha alma e ela não quer responder. Bati com vontade, mas a resposta não vem. Por quê a minha alma não quer responder? Por quê a distância? Por quê o obstáculo aparentemente intransponível da porta fechada? Mas, não! Não tenho vontade de arrombar a porta. Sei que ela não pode ser aberta desta forma. Ela precisa abrir, sem mesmo ranger dobradiças, e deixar a luz passar, no ritmo natural da vida. Gostaria de compreender este ritmo! Se eu o compreendesse, a porta já estaria aberta. E ela estaria deixando fluir uma luz maravilhosa. Uma luz que não ofusca! Uma claridade que ilumina com calor agradável. É a luz da alma! O brilho próprio que só posso entrever pelos estreitos vãos da porta fechada. Mas, eu sei que a porta irá se abrir. Já ouço os passos de minha alma, se aproximando pelo outro lado da porta. É só aguardar. A fusão se aproxima...

06 de março de 2009.

3- Planta de estufa

Não quero ser como uma planta de estufa! Uma planta de estufa, apesar de receber uma série de cuidados especiais, não pode crescer muito. É limitada por um vaso e pelo teto da casa de vegetação. Suas raízes nunca serão profundas, nem seus ramos alçarão o céu livremente. No entanto, para ser como uma frondosa árvore, livre na natureza, é preciso aceitar e enfrentar o vento das tempestades, o calor abrasivo do sol de verão, a falta ou excesso de água, enfim, as intempéries do mundo. Este é o preço de ser livre! Às vezes, bate uma saudade de um recanto acolhedor, mas, quantas vezes um lugar como esse, torna-se uma prisão? Receber tudo, esmeradamente, como uma planta de estufa, atrofia a alma. A plantinha nunca será árvore, como a criança não chegará a ser homem. Que venham as tempestades da vida!

08 de março de 2009.

4- Recorrências

Por mais que não se goste, a vida nos oferece dores e tensões. Cabe-nos transformar dores em flores e tensão em compreensão. Aceitar certas limitações é sabedoria, pois muitas vezes o que o intelecto pensa que entendeu, a alma ainda não assimilou. Entender é diferente de praticar, mas a vida é grande oportunidade de colocar em prática, tudo aquilo que imaginamos ter compreendido. A cada falha, a cada escorregão, temos um bom alerta para o que não assimilamos ainda. Arrependimento e frustração são reações naturais e úteis, mas que não devem ser prolongadas. Mais vale a retomada de consciência sobre a desarmonia, que teima em reaparecer de tempos em tempos. Assim, a vida e o tempo são bons aliados. A dor nada mais é que nova oportunidade que surge. Como é bela a vida, apesar de seus matizes cinzas! Como são úteis o tempo e suas recorrências, apesar dos seus tons pastéis. Sobre isso, talvez dissesse o Mestre de Assis: obrigado Irmã Vida, obrigado Irmão Tempo. Obrigado à Dor dolorida, obrigado à Tempestade por cada vento. Obrigado Irmão Sol, mas também obrigado Irmã Chuva. Obrigado à Solidão que me deixa só, para meditar em paz, sem nenhuma amargura.

10 de março de 2009.

5- Rigidez

Rigidez não combina com vida! No reino vegetal, temos o exemplo das velhas árvores. Elas possuem espessos troncos, que se quebram durante a tempestade. Já o flexível bambu ultrapassa os ventos e permanece vivendo. No contexto humano, não é difícil lembrar que um corpo morto é friamente rígido. Os homens tem a rigidez como regra, salvo honrosas exceções. Eles, quando firmam opinião, são mais duros que rocha, só provocando cisão. Há inflexibilidade na política como na religião, em pequenos grupos como na multidão, no ínfimo país isolado como na grande nação. Pobre do homem que fez da rigidez sua norma de ação, pois não pensa através do cérebro, nem sente com o coração. Rigidez em excesso é verdadeira miséria. Flexibilidade é vida e transformação. O rígido vangloria-se de sua firmeza, mas se esquece que, em breve, se abrirá o chão para engolir o seu caixão. E sua alma não estará leve! Ficarà presa à força da gravitação, onde está acorrentada a sua rígida opinião.

12 de março de 2009.

6- O caminho do meio

O caminho do meio! Que meta desejável! Procuro o caminho do meio, mas minhas pernas bamboleiam como os membros de um embriagado. Não tenho, ainda, a destreza necessária para seguir pela estrada reta, que entendo ser o caminho do meio. Minha alma oscila entre a impulsividade e o recolhimento, buscando compreender e praticar a descoberta do Buda. No entanto, tenho esperanças de encontrar o meio de trilhar o caminho do meio, sem tantas decepções e sem tanta demora. Creio, também, que provavelmente não será uma jornada com o equilíbrio ideal. Mas, pressinto que a minha caminhada, em breve, será bem diferente do andar de um ébrio. Vejo que a estrada está bem demarcada, pois não mais enxergo apenas com olhos materiais. Portanto, talvez o meu caminho ainda não seja exatamente o do meio, mas pretendo trilhá-lo sem receios.

13 de março de 2009.

7- Corredores estreitos

Às vezes, os caminhos da vida se transformam em corredores estreitos. Nestes momentos, quando o indivíduo se debate muito, acaba se machucando. Pensa que tudo, daquele instante em diante, será limitado. Sente-se numa prisão. No entanto, se observar melhor o que há nas paredes do corredor estreito, entenderá que a vida lhe manda uma mensagem. Tudo conspira para que preste atenção a determinadas questões. Se estivesse em campo aberto, ou trilhando largas estradas, não perceberia pontos importantes a compreender e transformar. Estaria distraído com a amplitude da paisagem. Portanto, o corredor estreito é necessário para focar algo que precisa ser melhorado. A princípio, é desagradável. Mas se ao invés de rejeitar a situação, aceitá-la buscando compreensão, logo o corredor ficará para trás. Surgirá uma sala espaçosa ou um caminho mais fácil de percorrer. Quanto mais se rejeitam os corredores estreitos, mais eles se alongam, não raras vezes, ocupando boa parte da trajetória de uma vida.

14 de março de 2009.

8- A tabuada da vida

Jogar as peijas do viver é um desafio. Quando se pensa que a lição foi aprendida, lá está a vida duvidando. Então, vem a velha situação que aflige ou desarmoniza, para que, mais uma vez, se prove se o problema foi superado. É um método aparentemente simplório, este da repetição. A vida promove tantas repetições quanto o necessário, para o indivíduo testar o que aprendeu, transformou ou aperfeçoou. É o antigo método da tabuada em ação! Repete-se a lição, até que ela esteja “na ponta da língua”. Às vezes, a repetição vem camuflada, mas, ao bom observador, ela não pode se esconder. Assim, entendo que a melhor maneira de agir, é encarar a lição que retorna, como um aprendizado profundamente necessário para a alma. É melhor fazer, antes que nos tornemos como o aluno preguiçoso, que acha tudo enfadonho. Só assim se concretizam os sonhos...

17 de março de 2009.

9- Passos leves

Para caminhar pelas estradas da vida, com passos leves, é preciso ter sabedoria. Geralmente pisamos com força, fazendo muito ruído a cada passada. Somos seres ruidosos! Ainda que prestemos atenção por momentos, procurando trilhar o caminho de forma suave, em pouco tempo já estamos batendo com os pés no solo, como se estivéssemos numa marcha de guerra. Por muito pouco, fazemos ruídos intensos. Somos barulhentos, reclamamos, brigamos, enfim, somos pais e filhos da algazarra. A suavidade ainda é meta distante. Apenas ensaiamos momentos de serenidade.

Um dia eu hei de pisar leve, mesmo no meio do turbilhão da vida. Não serei percebido. Embora visível, estarei invisível. Minha voz será como serena respiração, funcional e suave. Ninguém escutará meus passos, que se confundirão com o Grande Silêncio.

23 de março de 2009.

10- Ver com outros olhos

Muitas vezes, vemos um fato com olhos de dúvida, com olhos de crítica, com olhos preconceituosos. Assim julgamos, desacreditamos e até desrespeitamos. Não é raro que enxerguemos no próximo muitos defeitos, mas, geralmente, não percebemos que facilmente identificamos nos outros, aquilo que temos em maior ou menor grau, dentro de nós. Como é difícil a autocrítica e o olhar isento! Como é simples apontar, adiante, algo que não gostaríamos que apontassem em nós. É mais cômodo estar no papel de juiz do que de réu, sobretudo quando o “réu” nem ao menos sabe que está sendo julgado por alguém.

Olhar é um ato instintivo, que vem sendo desenvolvido há muitas eras. Talvez já esteja na hora de aprendermos a ver com outros olhos...

23 de março de 2009.

11- Gratidão

Frequentemente, esquecemos de agradecer. Se nascemos, é porque alguém permitiu e suportou, com pelo menos um mínimo de equilíbrio, um longo período de gestação. Se tivemos uma residência com razoáveis condições de abrigo, é porque alguém trabalhou diligentemente por nós. Se comemos, bebemos e crescemos com saúde, é porque alguém zelou por nós. Se tivemos o afeto necessário ao bom desenvolvimento psíquico e emocional, é porque alguém nos amou. Se estudamos e nos tornamos intelectualmente robustos, é porque muitos colaboraram exaustivamente com o nosso aprendizado. Portanto, não é justo esquecermos de ser gratos. Mesmo que não possamos agradecer diretamente àqueles que nos deram apoio, por qualquer motivo, podemos colaborar com outros que estejam necessitados. Isto é gratidão à vida. Não há razão para sermos arrogantes pela riqueza material ou pela inteligência que cremos ter. Ninguém chega ao topo sozinho. Todos precisamos de todos. Quem sabe ser grato entende a vida, e a vida lhe retribui com abundância.

24 de março de 2009.

12- Coração em ação

Mãos pedintes se estendem! Bocas famintas anseiam por alimento, mas a alma tem seios ressequidos. A alma não pode dar o que não tem! Que aprendizado está por trás da fome de solidariedade e de amor? É preciso dar para receber, já dizia um mestre de compreensão superior. É preciso dar o primeiro passo! É preciso ter uma impulsividade divina, para o desenvolvimento do divino em si. Diferentemente da impulsividade de atirar a primeira pedra, melhor ter o impulso de assentar a pedra fundamental do amor. Sobre esta pedra se erguerá uma igreja imaterial, mas profundamente palpável: a “Igreja do Coração Atuante”! Esta é uma instituição que só funciona bem, quando em plena ação. O amor de nada vale, se albergado num coração preguiçoso, que apenas sonha. Com o coração em ação, não ficarão mãos pedintes, nem bocas famintas, nem almas de seios ressequidos!

26 de março de 2009.

13- No alto da montanha

Na montanha do meu destino, deposito grandes esperanças. Prevejo ar puro, silêncio para a alma e a amplidão verdejante como horizonte. Lá, no alto, minha alma poderá voar. Mesmo vinculado a um corpo de carne, minha alma poderá voar! Já ouço o canto dos pássaros e sinto o cheiro das flores. Já posso ver uma fauna colorida e ativa, esbanjando o tônus vital. Pressinto a integração, lá, no alto da montanha. Sei que a subida não deverá ser muito fácil, mas focando na meta final, nenhum esforço será excessivo. O fardo será leve. A subida da montanha será como o fluir de um rio sagrado, e, lá, haverá a coroação de uma vida de busca persistente. Não faltarão, é certo, cicatrizes adquiridas em momentos de refregas internas e externas, mas, pelo menos, a minha face estará reluzente de alegria e autorrealização. Assim será. Assim já é.

30 de março de 2009.

14- Maturidade

Os caminhos da vida são complexos. Quando acreditamos que os estamos enxergando bem, e compreendendo onde começam e onde terminam, nos deparamos com as brumas da perplexidade. Até quando “acertamos”, é possível notar que o “acerto” foi apenas relativo. É quando a condição humana se faz presente, de forma evidente. Então, constatamos que a ferramenta do intelecto é limitada, e que a acurácia das percepções da alma é restrita. Na mesma proporção com a qual conhecemos as leis do universo, se estabelece a nossa visão do mundo externo e interior. Ainda somos como gatinhos de ninhada recente! Alguns, de olhos fechados, batem com a cabeça. Outros, poucos, já têm os olhos abertos mas, mesmo assim, batem com a cabeça. É preciso amadurecer! Entretanto, a maturidade só vem com o tempo...

06 de abril de 2009.

15- Catarse

Vaza! Vaza energia densa, como chumbo fundido! Procura outro centro de gravidade. Flui! Deixa o meu vaso, vazio! Melhor um vaso oco e leve, do que um vaso repleto de densidade! Um vaso vazio pelo menos pode guardar, se não água pura ou valioso vinho, o doce aroma de perfume que já se foi. Por isso, vaza! Deixa fluir até a última gota dos humores inconscientes, para que o vazio possa existir. Que a catarse se faça até o verdadeiro fim! E só assim haverá um começo. Um novo começo! Este é o fim a que me destino, neste momento intestino de purificação necessária. E neste início de vazio, principio a fazer uma poesia válida. A poesia é o aroma que se busca, nos longos ciclos de uma vida vetusta. Pobres são os que vagam, sem entender que sem poesia a vida é vazia. Vivemos para produzir alguma melodia, em meio à balbúrdia, em meio à desarmonia. Da força bruta da natureza bravia, surge, enfim, a verdadeira alegria: ouvir canção, ao invés de gemidos; sentir o doce do mel, onde há amargura de fel; ver a luz, por trás dos escuros muros do céu.

29 de junho de 2009.

16- Vontade de entender

Quando se quer entender, um ponto é uma letra; uma letra é uma frase; uma frase é um parágrafo; um parágrafo é um livro; e um livro é uma vida inteira.

Quando não há interesse em compreender, uma vida completa é menos que um livro velho e ultrapassado; um livro vale menos que um parágrafo; um parágrafo não tem o valor de uma única frase; uma frase significa menos que uma palavra; uma palavra é como uma letra solitária; e uma letra é mais indecifrável do que um ponto.

Tudo depende do querer! Quando realmente se tem vontade de entender, mesmo em meio à escuridão, se tem a necessária iluminação.

29 de junho de 2009.

17- O valor do sacrifício

Quanto vale uma alma que chora? Ela vale por quantos pode dessedentar com suas lágrimas. Quanto vale uma alma que sangra? Ela vale pelo despertar consciencial daqueles que mancha com o seu sangue. Assim é o valor de uma alma em sacrifício verdadeiro. Aquele sacrifício que se eleva sobre valores meramente humanos, sendo, tão somente, um dar-se por amor. O sacrifício verdadeiro não precisa ter a altura de um monte calvário, e, inclusive, pode ser realizado a cada dia, no âmbito da consciência de cada um. Poda-se a própria alma, que chora e sangra, para poder florescer mais à frente. Esta poda, portanto, não é simplesmente castração. É como o burilamento de pedra bruta, que fará vir à tona um brilho oculto, e, muitas vezes, inesperado. Por isso, quando vierem algumas lágrimas e pequenas sangrias, bem como podas e burilamentos, que se chore de alegria, o quanto puder, em cada momento.

29 de junho de 2009.

18- O primeiro passo

Como sofre aquele que desconhece a sua origem divina! Perdido fica entre seus sentimentos, girando entre dúvidas e revoltas. É como se estivesse detido, numa casa de portas e janelas fechadas. O seu mundo é limitado a paredes sem vida. Não há horizontes. Não há céu. Não há luz. Não há o ar puro, que sustenta o viver. Sem o alento divino, cujo fluxo foi limitado pelo próprio ser, que se constringe, não há boas perspectivas mais adiante. Tudo fica pequeno e mesquinho.

Mas, basta que uma fresta seja aberta! A luz da esperança logo penetra, na direção certa. E com ela, novos ares, para um novo vigor. Tudo depende do arbítrio, através de um flexível juízo de valor. Quem procura acha! Quem bate à porta, encontra uma resposta! Abre-se, portanto, novo espaço. Para isso, basta dar o primeiro passo...

02 de julho de 2009.

19- Essência

De que vale a rima e a métrica, se falta o conteúdo legítimo da alma? De que vale o rebuscado e a técnica, se falta o alento que move os mundos?

Essência! Bela palavra que traduz o cerne, e que rima com consciência! Com certeza uma rima de coerência, pois se não há o centro emanador, há apenas uma casca vazia. Todo escrito, toda poesia tem que ter essência! Toda fala, toda oração tem que ter alma! Senão, somente fazemos o papel de máscaras sem o ator. E a máscara, sem o artista, é apenas objeto isento de valor.

Na jornada que trilhamos, temos que emanar essência. Só assim deixaremos de ser fantoches, para sermos peregrinos. A princípio, agiremos sem boa experiência, como jovens meninos. Mas, um dia, atingiremos belo grau de excelência.

07 de julho de 2009.

20- Caminhantes

Há muitas estradas na vida! O bom caminhante presta atenção na sua trilha. Concentra-se nela e faz o melhor. Pode até demorar, mas chega ao seu destino. Já o caminhante errante, anda por sua estrada, observando a dos outros. Quando menos se espera, já está seguindo passos estranhos a sua essência. Fica, então, confuso e cheio de incoerência. Na realidade não caminha, mas apenas perambula. Nesta senda, que lhe é obscura, não enxerga a sua meta, sentindo-se perdido. Somente após considerável cansaço, senta e medita, embora ainda aturdido. Percebe, enfim, que deve retornar à estrada original. Aquela que combina, em seu estágio atual, com a sua alma imortal. E afinal, retoma a sua jornada. Apesar de cansado, readquire a confiança que renova as suas energias. Este caminhante deixou de ser errante.

07 de julho de 2009.

21- A gangorra da vida

A vida material é uma gangorra. Um dia se está no alto, no outro se está embaixo. Muitos desanimam com essa característica da vida, entregando-se a uma espécie de marasmo, após tantas bruscas oscilações. Não entendem que, até se atingir algum equilíbrio, é preciso desenvolver algumas habilidades.

Talvez uma boa forma de se viver as fases mais intensas de gangorra, seja usar uma certa inocência infantil, aproveitando-se a “brincadeira” do momento. Melhor rir das subidas e descidas da gangorra da vida, do que aborrecer-se ou deprimir-se. Assim, em determinados períodos, agir como uma criança a divertir-se é uma atitude plena de sabedoria...

09 de julho de 2009.

22- Afinando a alma

A música que toca na minha alma não tem, ainda, harmonia constante. Vez por outra, ocorrem sons dissonantes. São nesses momentos, não muito agradáveis, mas extremamente úteis, que percebo o quanto tenho que ajustar as cordas da minha alma, afinando o instrumento que sou, na orquestra cósmica. Não pretendo comprometer a sinfonia divina! Desejo ser bom instrumento, a colaborar com a Harmonia Universal.

Assim, a cada momento dissonante, paro e procuro afinação, logo voltando a treino perseverante. Não importa se o ajuste demora um dia, uma hora ou instante. O que sei, é que a dedicação sincera e constante traz bons frutos. Então, é só prosseguir com pureza de alma e energia de infante...

14 de julho de 2009.

23- Viver é poesia

Para escrever uma poesia, rimada ou não, é preciso tornar-se vazio. É necessário praticar a arte de esvaziar-se. Para esvaziar-se, é preciso exercitar o desapego às próprias preocupações. Então, e tão somente então, permite-se a possibilidade de preencher a alma com um sentimento puro. Este sentimento, plenificado, transformado e, finalmente, moldado pela alma que o acolheu, materializa-se no papel com um brilho particular. É o brilho da alma a se manifestar, que cria a partir de uma matriz, transmutando minério em metal, pedras em construção, esperança em canção.

Assim, aprendo no dia-a-dia, deixando de lado a mesquinhez das preocupações mundanas, cedendo espaço para o vazio instalar-se. Em seguida, permito-me encher de legítimo sentimento e inspiração, aspirando a mais do que é estreito e mera repetição. Então, descubro que viver é maravilhoso! Basta saber viver...

26 de julho de 2009.

24- Sejam a ponte

A comunicação entre nós parece ser problema de difícil solução. Geralmente projetamos no semelhante, os sentimentos que ainda moram em nossa alma, como a vaidade, a mesquinhez e a inveja, acreditando que o outro planeja algo contra nós. Assim, a comunicação verdadeira fica cheia de ruídos, longe de ser limpa e cristalina. É frequente acreditar que há uma segunda intenção, por trás da palavra escrita ou falada. Comunicar-se, então, raramente significa entendimento. É fácil enxergar um abismo entre aqueles que tentam. Qual seria a solução para esse problema? Se há uma distância e, ao mesmo tempo, um abismo entre as partes, por quê não fazer uma ponte? Bem, mas para materializá-la são necessários recursos. Neste caso, como falamos de uma ponte virtual, bastam os recursos da boa vontade e certa humildade, talvez agregando-se um pouco de inteligência. Nos casos de comunicação ineficaz, pelo menos um dos interlocutores deve ser a própria ponte. Se a linguagem em uso não é aceita, deve-se lançar mão da boa vontade em mudá-la, após um fundamental exercício de humildade. Se a isso acrescentarmos um pouco do tempero da inteligência, teremos um comunicar-se adequado, ou seja, com entendimento. Portanto, se há um abismo, sejam a ponte...

26 de julho de 2009.

25- Pôr do sol

Quando observo um pôr do sol, com as suas belas cores variegadas que evoluem para a penumbra, percebo que ele se reflete na minha retina espiritual, acordando memórias de passados que ainda estão presentes. Conforme o sol se põe e as sombras se avolumam, por entre tons taciturnos, respiro uma atmosfera que já se foi, mas ainda vive em mim. Acordo para sentimentos e lembranças. Sonhos emergem e me torno quase extático. Percebo que sou eterno. Minha essência peregrina impõe-se, nesses momentos, sobre a casca da personalidade terrena. Não sou tronco oco! Tenho seiva perene que sustenta o meu ser. Os gritos de dor e zombaria da Terra não me afetam. São apenas como ruídos distantes, que compõem o ambiente. A batalha da vida material me soa como peça teatral, que mais tem valor pelos aprendizados que se assimila, do que pelos atos e acontecimentos em si. Estou na vida terrena, mas, ao mesmo tempo, pairo sobre ela. Vivo e respiro, mas, a cada instante, sou o silêncio profundo.

27 de julho de 2009.

26- Alargando os horizontes

Estreita é a visão daquele que mantém apegos. Agarra-se à rocha, que já rola pela montanha. Mantém-se no alto da árvore, mal sustentada por raízes apodrecidas. Prefere afundar com o navio, embora já faça água.

Estreita é a visão daquele que, em busca de prazer fugidio, insiste em alimentar sensações. Não entende que a alma precisa de alimento verdadeiro, enquanto tenta saciá-la apenas com comida. Não compreende que as sensações corpóreas são prazer fugaz, e que a alma grita por algo a mais. Pobre ser humano que se condiciona à animalidade, mantendo-se numa ignorante pobreza, reflexo da estreiteza de visão, com certeza.

Basta soltar as amarras do apego! Basta experimentar o novo, com espírito de inocência! Assim a limitada visão, dá lugar à abrangência. E com alento novo a insuflar as velas da alma, como nau que sai de baía magra, atinge, enfim, o grande mar...

30 de julho de 2009.

27- Metais expostos

Os metais estão expostos! A sua atuação se faz sentir longe. Gritam e fazem sofrer. O sofrimento é instantâneo, mas também possui efeito posterior, que se prolonga... Estes metais, que fazem o sangue humano verter, são a violência que habita em cada pessoa. Por isso, neste nosso mundo, os metais têm força tão intensa e persistente.

Da mesma forma, vozes que deveriam ser muito humanas, possuem timbres extremamente metálicos. Estas vozes não fazem jorrar o sangue, mas também ferem profundamente. Palavras de metal promovem a dor de maneira instantânea, com correspondente efeito duradouro, após serem disparadas. Muitas vezes, uma palavra de ferro ou aço continua retinindo por muito tempo, depois que foi emitida.

Assim, tenho procurado observar os aspectos metálicos do meu ser. Alguns estão escondidos. Outros estão expostos. Outros, ainda, aparecem e somem como o sol, num ciclo nascente-poente bem demarcado. Preciso abrandar o timbre metálico da minha voz. O som que a minha alma produz precisa ser mais sutil. Só assim contribuirá melhor na sinfonia da vida...

07 de agosto de 2009.

28- Rodas da vida

A vida é como uma roda! Em grande parte do tempo está a girar. O movimento é característica fundamental do viver, mas volta e meia estaciona-se, para um momento necessário de reflexão. A seguir, inexoravelmente, a ação é impelida mais uma vez...

Em certos períodos, a vida é como uma roda de brinquedo, apresentando movimentos irregulares. Não há um ritmo previsível e é preciso flexibilidade. Durante outras situações, vive-se como as rodas de um automóvel de corrida. A velocidade é a tônica, sendo necessários braços fortes ao volante e atenção constante. Em determinados períodos, a vida é como uma roda de trator. É quando precisamos aceitar uma lenta cadência, desenvolvendo a paciência. Em certas oportunidades, a vida gira como um rolo compressor. Nessas vezes, são fundamentais a coragem e a perseverança para suportar as pressões.

Saber adaptar-se aos ritmos das várias rodas da vida, é algo inteligente. Participar de cada ritmo, com serenidade, é sabedoria!

19 de agosto de 2009.

29- Corpo e alma

Corpo e alma são dicotomia nos caminhos da vida. Muitas vezes o corpo é puro cansaço, enquanto a alma guarda entusiasmo por se manifestar. O corpo geme, enquanto a alma canta. O corpo chora de dor, mas a alma chora de alegria. Nesta situação, a máquina física parece um pálido fantasma, diante da essência divina, pujante de força. E então, o corpo mendiga momentos de descanso para a alma, que insiste em trabalhar. A alma lhe responde que pode render mais. Estabelece-se um impasse e, portanto, um acordo é necessário. Onde estará o ponto de equilíbrio? O silêncio se faz e perdura... Não há resposta fácil de ser obtida.

Somente trilhando as estradas da vida, em meio à densidade da matéria, e sob os impulsos da alma, que se encontra uma solução. A resposta exata é individual e intransferível, variando conforme as nuances da jornada.

20 de agosto de 2009.

30- Permanência

A dor que angustia é breve ventania que não abala o rochedo. A falta de perspectiva é tola ilusão passageira no horizonte do infinito. O ódio é como ínfimo soluço em meio aos acordes da sinfonia divina. Emoções voláteis não podem abalar o que é permanente. Minha essência é permanente! Sinto que tanto a luz das estrelas como a poeira cósmica são partes do meu ser. Aquilo que preenche o Universo é essência da minha consciência. Eu sou o ser e o não ser, numa fusão de perfeita inteligência. O raso e o fundo pertencem ao meu ser mais profundo. A voz e o silêncio habitam em minha alma. Ambos falam e se aquietam no instante preciso. Aqueles que pensam perturbar, são, para mim, suave marulhar. Os que se creem inimigos são Deus em ação, impulsionando-me a criar e recriar. Assim, beijo na boca etérea que me amaldiçoa, e sinto o aroma de renovação boa. Fico grato, pois fui ajudado a compreender que a Divindade se manifesta de infinitas formas. E, com este aprendizado bendito, só posso agradecer do fundo de minha alma, dizendo: - calma! A hora do despertar já chegou...

24 de agosto de 2009.

31- Parto

Contrações! Dores agudas que têm começo, mas parecem não ter fim. Ilusão! De que dor se fala? É do corpo que geme e resvala numa insônia febril? Não! Tudo ilusão! E quando a boca se escancara à busca de água, percebe que já não tem mais sede. Que dor que gemia, se agora só há paz refletida no espelho da parede? Agora, mais um sonho! Um breve sonho que anuncia as contrações de um parto divino. E nasce uma alma mais leve, que perde os vínculos grosseiros com a terra bruta. Aproveite o momento e escuta! As asas que batem ainda são frágeis, mas, paulatinamente, ganham força à busca do infinito. Esta força é a inspiração, que alça voos para bem longe do chão.

Pobres almas inseguras, que ainda se agarram às profundezas da terra obscura! Por quê não deixar para trás ilusões imaturas, e desenvolver as asas? Só assim as contrações serão breves e ignoráveis. E o parto fluirá como o grande rio da vida, que não se detém com obstáculos...

24 de agosto de 2009.

32- Sono

O sono já chega. Despeço-me da luz da vigília, para penetrar nas trevas férteis do inconsciente. É a partir dele que se fazem as bases para a harmonia.

Assim, com agradável entrega, me deixo levar nos braços do sono profundo, que traz a brisa reparadora. E eu direi a ela, quando chegar a hora: repara, brisa! Repara que deve me reparar! Alimenta minha alma sedenta de vigor, tanto quanto o lavrador, cansado, busca cama limpa e macia. Faz reparo em minha alma, sedenta de harmonia, e não deixa cicatriz! Que amanhã, tenha eu uma pujante força-motriz! Que eu possa, em meio às refregas da matéria beligerante, cumprir bem o meu fim.

Sono reparador e amigo, faz comigo o que deve fazer. Leva a minha alma para o refazimento. E que ela esteja, novamente, nutrida a contento. Desta forma, comprometo-me a usar o tempo para bem servir, e aprender a transcender...

24 de agosto de 2009.

33- Ver, escolher e agir

A vida limita, oferece obstáculos. Comprime e estreita as passagens. E no chão há pedras que fazem topar, ou limo que induz a escorregar. Pelo caminho, andando depressa ou com vagar, há ilusões a nos desviar...

Mas, muito depende do olhar. Tudo pode ser piorado por uma visão pessimista. Se enxergo com olhos cheios de lágrimas, um vão largo se parece com corredor estreito. Se observo com olhos semicerrados, a escuridão avança pela luz.

No entanto, o poder da escolha é de cada um. Se uma situação amarga se impõe, podemos decidir como enxergá-la e como agir perante ela. Ou nos colocamos na posição de mera vítima, acomodando-nos e alimentando o sofrer, ou agimos legítima e corajosamente em função de uma solução. O tipo de olhar, a escolha em si e a direção da ação são individuais. Se ficou caolho, por quê tanto lamentar? Melhor enxergar bem pela vista que ficou. Se perdeu uma perna, por quê permanecer sentado? Mais vantajoso é pegar em muletas e marchar rumo à vida. Depende de cada um...

31 de agosto de 2009.

34- Vida autossustentável

O corpo range como máquina sem óleo. O trabalho continua, pois o espírito o impele à frente. Volta e meia surgem gemidos, de músculos sofridos, à espera de um descanso que não chega. O espírito, febril, só vê a meta a atingir. Ignora, varonil, que há limite para tudo. Mesmo a tarefa altruísta, neste mundo denso e vetusto, carece de certa prudência. Não serve muito a pureza da inocência, se ela não é autossustentável. De que vale agir de forma aparentemente incansável, se, depois de um pouco mais, o corpo grita, implorando por paz? Mesmo que se queira fazer de surdo, há que se ouvir os clamores do vaso físico. Senão, chega-se ao absurdo de um forçado período “paralítico”.

Sustentabilidade! É o que muitos falam a respeito do uso do meio ambiente. Mas, sustentável também deve ser o agir com o próprio corpo, já que ele é a natureza mais próxima de nós. É preciso expandir o conceito de ecologia! Se aprendermos a viver em harmonia com a nossa natureza corpórea, esta estender-se-á ao ambiente que nos cerca. A educação começa na própria casa.

02 de setembro de 2009.

35- Chama interna

Sombras agigantam-se pelo chão, enquanto o sol se põe no horizonte. Sombras se avolumam na alma, quando deixa de brilhar a luz da consciência. É preciso manter a chama interior acesa! Desta forma as proximidades estarão iluminadas, possibilitando uma razoável visibilidade, ainda que se tenha algumas faixas de penumbra. Portanto, quando cada um mantém a sua chama particular crepitando, não importa se o sol se põe no horizonte. O problema fundamental é a iminência da noite interna, para os desatentos à própria luz ...

Se há escuridão na alma, há que se pegar os gravetos secos do desamor, da tristeza e da desesperança, e queimá-los numa fogueira, em grande festança. Se o fogaréu interior não for dos melhores, se não queimar com ardor, que se tenha ao menos luz equivalente a de uma vela. Assim, será possível enxergar cada pedra do caminho...

08 de setembro de 2009.

36- Medo de errar

O medo de errar paralisa. Muitos, por receio de falhar, evitam a ação, enganando-se profundamente. É o chamado erro por omissão. Aqueles que se omitem de viver, tentando prevenir possíveis falhas, já erram. Deixam de se exercitar, deixam de testar suas resistências e aptidões. Esquecem que, caindo, muitas vezes aprendem a não tropeçar mais. Além disso, sempre que alguém sofre uma queda, acaba aprendendo a levantar. Assim, por quê tanto receio em falhar? Seria medo de ser apontado? Ou seria repulsa em ferir o próprio orgulho? Na realidade, não importa tanto quais sejam as respostas. O que vale mais é viver, com a coragem de tentar, honestamente, acertar. Quando se vive e se age, respeitando o próximo e a si mesmo, um erro é um acerto. O que é aparentemente uma falha, ao amadurecer sob o efeito do tempo, torna-se uma via para a harmonia.

10 de setembro de 2009.

37- Saber morrer

Há muitas gerações o homem assassina. E mata de forma automática tudo aquilo que aparentemente seja uma ameaça, ou que simplesmente lhe desagrade. É muito mais fácil “eliminar” o que está no mundo externo, permitindo-se esquecer das incoerências que habitam o seu mundo interno. Por quê não deixar morrer aquela parte do ser que se agarra à arrogância, à mesquinhez, e ao medo? Por quê não deixar falecer a teimosia infundada, a vaidade doentia ou o orgulho? É preciso saber morrer! E este morrer não é simples eliminação ou anulação, mas sim um processo transformador, onde, por exemplo, a morte da teimosia sem lógica dá lugar à perseverança, ou a arrogância deixa a existência dando passagem à justiça. Portanto, saber morrer é praticar a chamada “boa morte”. Mas, para praticar esta arte é fundamental exercitar a Vida. Exercitar o viver não é basicamente entender a teoria sobre o caminho, mas, de fato, trilhar a estrada, deixando de lado o que dificulta o caminhar.

13 de setembro de 2009.

38- Ouvir e ver além

Quase meia-noite! É fácil ouvir o silêncio, que só é interrompido por pequenos sons corriqueiros. O motor da geladeira, um leve trepidar do vidro da janela, o ressonar de alguém que dorme... Percebo, então, o valor do silêncio e da solidão, para um momento reflexivo. Este momento logo torna-se contemplativo. É possível notar, neste estado, a beleza que há nas coisas que geralmente são julgadas insignificantes. Há beleza na brisa que bate no vidro da janela. Há uma graça peculiar na lagartixa que perambula na parede. É possível sentir a Harmonia, que permeia a Vida nos seus mínimos detalhes. Ao manter o olhar fixo na velha estante de madeira, quase é possível perceber que ela não é peça morta, mas sim que as partículas que a formam na dimensão da matéria, vibram também como energia pura. E por trás deste campo energético, não é difícil perceber que há um Poder Ordenador. O caos não existe. Tudo é Harmonia, mesmo a ventania que tudo remexe. Movimento e paralisia são faces da mesma moeda, assim como a força e a brandura, como a umidade e a secura, estando num dia claro ou numa noite escura.

14 de setembro de 2009.

39- Os eus e Deus

O ser humano grita profundamente suas frustrações, orgulho ferido e vaidade não adulada. É quando o homem fica excessivamente preso a sua personalidade terrena, esquecendo de seus potenciais divinos. Sente-se mal amado porque realmente não se ama. É alguém adulterado no propósito da harmonia, pois ao não gostar de si, aos outros também não ama. E reclama, tornando sua jornada como caminhada em viela cheia de lama. Atola-se e clama! Grita por libertação das correntes que ele próprio criou. Então, neste exato momento, o melhor é calar e ouvir...

Após tempos expectantes, alguém chama. É o cerne a emergir, a partir de noite insana. Ainda que bruxuleantes, surgem luzes de compreensão. É a consciência rompendo o véu da ilusão. Já é possível entrever que a Divindade está em todos, e, portanto, cada um merece o devido respeito. Os vários, infinitos eus, que habitam o universo, são parte do Um. Assim, todos os eus precisam conviver na Harmonia de Deus.

14 de setembro de 2009.

40- Brisa da noite

Brisa da noite! Refrigera a minha alma. Revigora-me depois do açoitado, transformando tensão em pura calma. Brisa da noite! Refresca a minha cabeça, para que logo esqueça das duras refregas e recentes queixas. Brisa da noite! Faz o seu trabalho, ligeira e pacífica, afastando o cansaço que não quero como sina. Leva consigo o que não me pertence, deixando minha alma leve como o próprio vento. Se precisar, brisa noturna, transforma-te em tempestade. E, então, varre sem piedade o que me entulha o coração. Oh amiga! Queria ser como tu, soprando para o norte ou para o sul, conforme vontade passageira. Um ser viajante, livre para fluir, de instante a instante. Brisa da noite! Traga-me bons sonhos e um suave dormir. Acalenta meu corpo cansado, para um novo porvir de trabalho, de modo a ser digno do meu salário. Nobre brisa da noite, que chega como um anjo, agradeço-te a companhia. Confio na tua energia.

15 de setembro de 2009.

41- Vento

Deixar a mente solta, ao vento, é entregá-la a Deus, sob o seu alento. É um fluir contínuo e prazeroso. É como o próprio vento! Simplesmente uma energia que flui, sem exato intento. É nesses momentos em que se deixa a mente solta, que surge a poesia. Tudo se transforma em poesia, como um cálice que transborda, borbulhante de alegria. E eu pergunto: - vento, você é mensageiro de quem? De onde vem, trazendo a minha mente, rimas que não se escondem?

Por um breve tempo, tenho o silêncio como resposta. Mas logo, como pedra rolando sobre íngreme encosta, surge nova inspiração, como se me fosse imposta. Não sei de onde vem e nem de quem, mas a poesia, de mim, se apossa. Melhor não resistir à energia deste vento, pois tudo o que é represado, logo cede quebrado. Meu corpo cansado, então, deixa a poesia fluir...

16 de setembro de 2009.

42- Artimanhas

A vida é uma arte! Uma arte cheia de manhas! Tantos detalhes singelos e nuances, que ludibriam desde crianças até os velhos mais velhos. O que é uma alegria torna-se armadilha, enquanto o sofrimento traz crescimento. A paz pode ser estagnação, e a agitação acaba levando à paralisia do cansaço. O cansaço induz à meditação, que gera sabedoria. A sabedoria não compartilhada, praticamente fica em vão. E então? Como viver a vida, se ela nos ludibria a cada curva ou esquina? É para viver desconfiado? Melhor não, pois é a vida que ensina. Mas, qual a chave para boa sina? É aprender a viver com sábia ciência, que é o viver com consciência. É saber caminhar desperto, a cada trilha, atalho ou viela, enxergando com o coração, sem deixar de lado a razão. Ou seja, é uma realização que beira à artimanha, pois é preciso ser firme, mas flexível; forte e também suave; ora prático, ora idealista. É preciso navegar, conforme as correntes do mar da vida.

16 de setembro de 2009.

43- Beleza

Beleza! Ah! A beleza! Tão cantada em sua faceta de estreiteza, que beira ao repetitivo. Não se deve limitar esta qualidade às formas e cores que, em verdade, estimulam basicamente os sentidos. Beleza é muito mais! Há beleza na velhice sóbria e sábia, como na dignidade de quem sofre em paz. Há beleza na simplicidade das pessoas da roça, como na sinceridade daqueles que ainda não chegaram ao fundo do poço. O belo não está só num rosto e nas suas linhas simétricas, mas também na face morfética que, mesmo assim, mantém o brilho do olhar. É só, com cuidado, observar...

E a natureza? Quantos exemplos de beleza! Contudo, é importante salientar que aquilo que foge aos padrões, também guarda encanto. Numa poça de lama pode se refletir o sol. O azul do céu, escondido por cinzento véu, traz a chuva regeneradora, que, por força transformadora, faz brotar o verde em terra antes desoladora. Assim o belo e a beleza, no homem ou na natureza, depende de quem vê...

23 de setembro de 2009.

44- Ciclo virtuoso

Palavras são como cores! Se bem combinadas, são arte bem acabada. No entanto, não bastam a técnica, a rima e a métrica. Cada palavra, frase ou texto precisam ter um sentido verdadeiro, que é a essência da alma de quem escreve. Assim, esta arte é como uma prece, que, com o seu diapasão particular, fará vibrar as cordas íntimas de outro vivente. Então, a corrente de leitura se expande, tornando-se uma sinfonia silenciosa, mas perfeitamente audível por cada alma sensível. É uma comunicação misteriosa, mas gloriosa, por ser de alma para alma. E ela ecoa, trazendo uma sensação boa, que é a solidariedade do compartilhar. Um dia dá e no outro recebe. Um dia lê e no outro escreve. É um ciclo virtuoso, onde todos ganham. É como o amor que, ao se dividir, se multiplica. Somente se expande e nunca encolhe. É algo que não se explica, mas se sente e acolhe.

23 de setembro de 2009.

FINAL

No dia 17 de setembro de 2010, após ter digitado a página 30 deste livro (mensagem número 20 - “Caminhantes”) tive uma súbita vontade de escrever, pois uma poesia surgia espontaneamente na minha mente. Alguém, uma entidade com energia bastante familiar, me ditava algo. Logo peguei uma folha, executando com fluidez sete quadras bem interessantes. Após terminá-las, avaliei o conteúdo, considerando o seu todo, e compreendendo que me fora passada uma mensagem poética, que dava um fechamento bastante coerente para esta obra. Reconheci o autor espiritual, embora ele não deixasse recomendação de assinatura. Respeitei o silêncio do momento, e, agora, como o mutismo ainda perdura quanto à autoria, limito-me a disponibilizar a derradeira mensagem do *e-book* “Percepções”, na sequência. Apenas acrescento, por fim, um agradecimento à gentileza do invisível amigo, por ter compartilhado este conteúdo tão pertinente quanto profundo.

Jornada interior

I

*Aonde nos levam nossas percepções?
Será para um caminho de valor?
Será para rota de confusas emoções?
Não! É para legítima jornada interior!*

II

*E nesta viagem individual,
Que cada um deverá ter coragem de fazer,
Se poderá encontrar a própria alma imortal,
Com toda a pujança de Ser.*

III

*Então, neste livro um tanto despretensioso,
Talvez tenhamos colaborado
Com um objetivo precioso:
Um autoconhecer-se foi estimulado?*

IV

*Esperamos que sim,
Neste Divino Roçado.
Mas lembramos que não é o fim!
É apenas o início de trabalho demorado.*

V

*Um trabalho de muitas vidas,
Onde cada uma é um capítulo.
É certo! Haverão algumas feridas!
E quando será o epílogo?*

VI

*Esta é pergunta sem pronta resposta.
Ainda um mistério da consciência.
Muita gente realmente não gosta,
Mas é preciso mergulhar na própria essência.*

VII

*Só assim será possível entender
A plenitude da imanência
E a realização de Ser,
Num caminho de autotranscendência.*

17/09/2010.